

**No primeiro painel da Advocatus Summit, dedicado à corrupção e ao compliance nas empresas portuguesas, os especialistas apontam para um sentimento comum: ainda falta uma cultura de preparação prévia.**

Por Ana Sofia Franco

O *compliance* é fulcral na luta contra a corrupção, mas **as empresas ainda sofrem de uma falta de cultura de preparação e de foco em adotar medidas preventivas e em ter equipas prontas a mitigar situações de risco. “Temos uma cultura um pouco afastada.** Assistimos recentemente com o RGPD, sentiu-se uma grande distância das PME em relação ao tema e uma reticência em adotar medidas preventivas”, defende Rui Pedro Almeida, CEO da Moneris.

**“Ainda estamos muito longe de termos um estado de arte de *compliance* em Portugal”,** disse esta terça-feira durante o primeiro painel da [Advocatus Summit](#) dedicado ao tema **“Compliance versus Corrupção: uma luta desigual?”**.

**“O criminoso está sempre uma jogada à frente”,** nota Paulo de Sá e Cunha, sócio da Cuatrecasas, e por isso é difícil as empresas acompanharem o processo como as autoridades acompanham, mas também são as que **“estão mais próximas da corrupção se ela existir dentro das organizações”,** acrescenta Sofia Ribeiro Branco, sócia da VdA. **“As empresas têm mecanismos de deteção, mas depois não têm os meios que as autoridades dispõem, como as escutas”,** por exemplo. Por isso, adotar mecanismos de *compliance* bem assentes e oleados é importante e **“meio caminho andado”** no combate à corrupção, defenderam os especialistas.

**“A corrupção está sempre à frente do *compliance* e por isso temos de nos proteger com medidas preventivas e depois, sim, é que entra a Justiça com medidas corretivas”,** afirma Rui Pedro Almeida. Para as empresas **“a mensagem ainda não é suficiente, isto tem de ser visto além de um exercício burocrático. É um sistema vivo”,** defende. O CEO da Moneris considera que a **“corrupção é um grande risco à democracia e à iniciativa e coloca problemas graves e mina a confiança dos agentes económicos”**.

Reputação também é risco a ter em conta

**“Outro grande risco associado à corrupção é o risco reputacional, “e que tem um impacto além dos negócios, além das empresas”, aponta ainda Miguel Rocha, diretor executivo do Observador Português de Compliance e Regulatório.** Sofia Ribeiro Branco considera o risco reputacional muito importante, mas **“se seguirmos todos os princípios as empresas poderão encarar melhor este tema de forma mais simples e consciente”**.

Mas mesmo as que parecem ser as mais eficientes a cumprir com as últimas regras de *compliance* podem estar mal internamente. **Sobre este aspeto, “é preciso lembrar que o Banco Espírito Santo (BES) antes de colapsar tinha um dos melhores sistemas de *compliance*” em Portugal,** recorda Paulo de Sá e Cunha.

O advogado considera que em Portugal se **“fazem arguidos a torto e a direito, e explicou como pode ser difícil para as empresas acompanhar os regulamentos de *compliance* quando as leis em Portugal estão sempre a ser alteradas e de forma tão rápida.**

**“O problema é que alteramos muito as nossas leis, e muito rapidamente”,** diz Paulo de Sá e Cunha. **“Esse é um problema, efetivamente, mas temos de nos adaptar. É uma variável”**.

O advogado sente que as empresas tinham o pensamento de **“se vier uma infração depois pagamos a coima”,** e isso já não é uma **“opção porque os custos de se montar um sistema de *compliance* compensam no futuro. Agora é uma questão de facto de cultura”,** remata.

À pergunta **“A corrupção é um dos riscos de negócio mais relevantes?”**, **82% da audiência considerou que sim.**

**Fonte:** ECO Portugal., em 28.05.2019.